

Mediar terras,

(Conferencia no FORUM, Napoli, 29/5/86)

Fui convidado para fornecer-lhes visao distanciada do problema "eixo Franca/Italia meridional", que é o nosso tema. Com efeito, nao sou nem francez nem italia-
no, e, embora more na Provence, minha cultura consiste sobretudo de elementos ale-
maes, anglosaxonicos e brasileiros. No entanto: devo decepciona-los. Não posso
distanciar-me do Mediterraneo, porque abrigo a sua cultura no meu intimo, justamen-
te por causa dos tres elementos mencionados, e por ser judeu. Omnia mea mecum port-
o e o Mediterraneo e mare meum. O que posso é oferecer-lhes visao das zonas cinzen-
tas entre o Mediterraneo e as tres culturas mencionadas, zonas essas nas quais o
Mediterraneo penetra para dar forma ao penetrado. Sao zonas que habito.

Para mim, "Mediterraneo" significa aquele lago que ocupa o centro das cartas
geograficas da Antiquidade. Por certo: tais cartas nao mais sao geograficamente
uteis. A Terra se tornou redonda, e passou a planeta de estrela secundaria, de
modo que aquele lago nao mais merece o seu nome. Mas enquanto mesas para orienta-
cao cultural os mapas antigos continuam uteis. Com a reserva seguinte: foram des-
cobertas outras cartas, (por exemplo a indiana, a chinesa e a mexicana), que se
sobrepoem parcialmente sobre a nossa, e que nao podem ser incorporadas na nossa
com a simples inscricao "hinc sunt leones". Devemos tentar adequa-las a nossa.
Contarei aos senhores sobre tres de tais esforcos.

.....

Convido-os pois a abandonar esta baia napolitana lucida e bem articulada,
para aventurarem-se a penetrar as florestas sussurantes e nebulosas do alem-Reno.
Nao digam que tais florestas sao atualmente economicamente aproveitadas, que o sus-
surar foi atualmente electromagnetizado, e que as nevoas, atualmente acidas, vao
sendo quimicamente analisadas. Isto seria apenas visao superficial dos politicos,
economistas e criticos da cultura. Na realidade os comerciantes, legionarios e
monges que outrora atravessavam o limes jamais conseguiram dissipar as nevoas, nem
o conseguiram os que viajavam em direcao oposta, os tais conquistadores, humanis-
tas e engajados em iluminismo. Pelo contrario: quanto mais a luz mediterranea
vai penetrando as nevoas, tanto mais fantasticas as formas das nevoas destarte i-
luminadas. Nao interpretem tal espetaculo grandioso de maneira maniqueista, como
se fosse luta entre os filhos da luz e os filhos das trevas. Ate se, por vezes,
as formas fantasticas das nevoas possam evocar caretas do diabo. Porque as nevoas
alemas, destarte iluminadas, podem resplandecer, e a luz mediterranea, destarte
refletida, pode brilhar caleidoscopicamente.

Nao luta maniqueista, pendulo entre o classico e o romantico e o que esta-
mos vendo. Por certo: ha nevoas tambem no Mediterraneo e alhures, e o romantismo
nao e alemao exclusivamente. Por certo: ate na Alemanha o sol brilha as vezes,
e o classico nao lhe e estrangeiro. Mas a dialectica entre a forma clara e dis-
tinta de um lado, o contudo ondulante e nebuloso do outro, nao se articula tao
violentamente quanto no dialogo "Mediterraneo/Alemanha". Por que isto?

O proprio Mediterraneo nao e claro. É sintese mal formulada entre ele-

mentos judeus, gregos e latinos, conhecida sob o nome "cristianismo". O imperio Constantino, ao dividir-se, mostrou a sua precariedade. Dividiu-se o Mediterraneo em metade latina, e metade secundariamente helenizada. O destino das duas metades nao e paralelo. O centro da metade oriental permanece Mediterraneo durante a Idade media toda, e migra para Moscou, tal Terceira Roma, apenas na Idade moderna. Mas o centro da metade ocidental migra, sob o nome "Santo Imperio Romano de Nacionalidade Alema", para o norte em epoca de cristianismo ainda fragil. O dialogo entre os latinos e os alemaes esta na raiz da metade latina. Nenhum esforco ecumenico, visando a reunificacao do Mediterraneo, e seja ele tao de "cumulo" quando o sao os encontros Reagan-Gorbatchov, pode ignorar isto. Por exemplo: pouco sentido tem querer incluir a Algeria e a Siria no mesmo grupo "Mediterraneo arabiizado". Os algerianos sao "latinos", devem lutar contra os francos, e os sirios sao "bizantinos", e devem lutar contra turcos.

A ideia do "Santo Imperio" enquanto sintese entre o cristianismo e os alemaes e ideia falha. Dada a riqueza da cultura judia, grega e latina, e dada a pobreza da cultura dos germanos, deve tratar-se de absorver os elementos germanicos na estrutura de mediterraneidade. Mas precisamente isto se demonstrou impossivel. E nao e Carlos Magno, e Carlos Quinto que mostra tal impossibilidade. A Reforma mostrou ser impossivel que alguem seja cristao e alemao simultaneamente. Curiosamente, a Reforma teve recurso aos elementos judeus no cristianismo para forcar a sintese, o que deu origem a contenda assassina entre alemaes e judeus. Nao conseguiu seu proposito, porque os elementos germanicos sao inassimilaveis. Por isto Carlos Quinto teve que transferir o Imperio, (no qual o sol nao se poe), da Alemanha para a Espanha.

Admitidamente: "mentalidade alema" e abstracao, ja que ningem pode, na Alemanha, escapar a influencia da mediterraneidade. Nao obstante: tal abstracao e constatavel em fenomenos concretos, na vida quotidiana, e nas contribuicoes alemas a cultura. Na musica, na poesia, nas artes plasticas, e sobretudo na filosofia. E constatavel sob o nome "idealismo alemao", que e fenomeno radicalmente oposto aos valores do cristianismo. E ele anti-judeu, por menosprezar o mundo no qual o espirito sempre se encontra. E radicalmente anti-grego, por nao ser "realismo de ideias", mas especie de nominalismo. E nao e preciso demonstrar o quanto o idealismo alemao e anti-latino. Tao radicalmente estranho e o idealismo alemao ao Mediterraneo, que muitos apontam seu parentesco com o pensamento hindu.

O "Santo Imperio Romano de Nacionalidade Alema" e mais nome de ideologia que de realidade politica ou outra. Mas divide a mente alema de maneira terrivel: Todo alemao deve escolher entre ser alemao ou ser romano, escolha impossivel. Ou deve ele sacrificar os ideias mediterraneos, ou a sua alemanidade. Tal dialectica interna explica a cultura alema e seus excessos. E tal dialectica rebate sobre os outros que dialogam com a Alemanha. Por exemplo sobre a Italia sob forma "ghibellinos-guelfas". A ruptura alema envadiu a metade latina do Mediterraneo toda, e nao pode ser encoberta nem em encontros como o nosso.

Viajemos agora, partindo do norte nebuloso do Mediterraneo, rumo ao seu oeste selvagem, seguindo os tracos dos Vikings, e passando pois pelo sul da Grenlandia, pelo Labrador e pela Terra Nova. Ao deixarmos o aviao, estaremos penetrando "Gods own land", experiencia que Platao deve ter tido ao desembarcar em Siracusa. Com efeito: os Estados Unidos repetem nao apenas Megale Hellas, mas igualmente a Nova Jerusalem e Roma ressuscitada. Sao eles a utopia mediterranea, ou sua segunda edicao em maior escala. A experiencia concreta dessa colossalidade, e mais ainda as expectativas dessa experiencia, levam geralmente a formularmos banalidades, as quais sao responsaveis por aquela mistura de desprezo e inveja que caracteriza sobretudo os intelectuais europeus face aos Estados Unidos. Para evita-lo, concentrarei a atencao sobre um unico aspecto: o Capitolio washingtoniano.

O Campidoglio romano, de origem etrusca, era santuario de Iuppiter Optimus Maximus, separado do forum por ingreme vereda. A sua reconstrucao em Washington e simultaneamente santuario, (contem a estatua da Liberdade), e forum, (contem o congresso). Roma distinguiu entre espaco sacro, (templum), e politico, (forum), Washington sacraliza a politica e politiza o sacro. Mas nao da forma praticada em Moscou, essa capital do Mediterraneo bizantino: submetendo o politico ao sacro, e transformando-o em ortodoxia. Pelo contrario: Washington eleva o espaco politico para conter o sacro. Partirei disto, porque me parece ser a realizacao do judaismo.

Para a religiosidade judia apenas o publico, o ato, a relacao intra-humana, e "bom" ou "mau", e o privado, a consciencia, a fe, nao contam, e o judeu Jesus o formula: e pelos seus frutos que deveis conhece-los. O pragmatismo americano e a emergencia do judaismo. Parece pois que tal pragmatismo despreza a componente grega do cristianismo: a teoria. Na realidade, o que o pragmatismo despreza e o dogma, o artigo de fe que caracteriza toda ortodoxia, e nisto e judeu. Quanto a teoria, apoia-se ele sobre ela, mas a submete a testes repetidos de experiencia e erro. Gracias a tais testes as teorias se desenvolvem e se melhoram. Prova de o quanto ja estamos todos americanizados e o fato de tendermos, nao mais a provar, mas a falsear teorias. Pois o desprezo pelo dogma, (tal judaismo sob forma de calvinismo), permite a busca sistematica da Justica no significado de: vitoria do Bem sobre o pecado, busca esta atualmente cibernetizavel. O jogo disciplinado de pressoes particulares, (checks and balances, lobbies), se supera no espaco publico, para resultar em "pursuit of happiness", (busca da felicidade). O Capitolio em Washington e Campidoglio judaizado e helenizado: e Mediterraneo realizado.

Mas tudo isto e problematizado pela inacreditavel atracao que isto exerce sobre os barbaros, (a parte nao-mediterranea da humanidade). Em torno do Capitolio aglomeram-se culturas provenientes de todos os horizontes, e nao importa se para la foram atiradas por forca, (como a africana), ou por outros motivos. E como se Roma tivesse sido efetivamente o foco do orbis terrarum, e como se "catolico" significasse efetivamente "para todos". A America esta em constante perigo de barbarizacao, se nao conseguir assimilar essa humanidade afluyente toda. O problema tem a ver com tamanho: sabe-se, em arquitetura, do perigo da passagem do modelo para a obra.

O modelo da America, o Mediterraneo, e de tamanho humano. Suas ilhas sao perambulaveis, suas costas navegaveis a vela, seus vales abarcaveis a olho. A

America exige outras medidas e outros valores. Mas o humanamente medido, o comedido, o comensuravel, e precisamente o caracteristico das medidas e valores da mediterraneidade. Anthropolos metron panton, e barbaro e o enorme. A America atrai os barbaros, precisamente porque extrapolou as medidas mediterraneas em sua desmedida busca de universalidade. E isto esta ameaçando nao apenas a America, mas igualmente o proprio Mediterraneo, seu modelo.

Para preservar a sua mediterraneidade, a America precisa constantemente voltar para a sua origem. Senao, deslisara ela rumo ao Pacifico e ao Mexico, e Little Italy sera devorada por China Town e por Porto Rico, envez de servir-lhes de ima. Ora, tal volta constante para o Mediterraneo, seja sob forma de fast food, sob forma de turistas, ou sob forma de navios de guerra, e ressentida pelos proprios mediterraneos, (os que nao emigraram para America por uma razao ou outra), como imperialismo. E isto tem por reacao, por parte da America, um recolher-se isolacionista. Por certo: tudo isto e efetivamente imperialismo. Mas lembremo-nos do significado mediterraneo do termo: e sinonimo de paz, (Pax Romana), e visa o estabelecimento de sociedade regrada e comedido. O imperialismo Americano nao sera, ele tambem, um culturema da mediterraneidade?

Os que combatem tal imperialismo, devem estar concientes das suas alternativas. Que sao, de uma maneira ou outra, todas a rebarbarizacao do proprio Mediterraneo no seu significado geografico. Por certo: a barbarie nao e necessariamente indesejavel. E tem atualmente numerosos adeptos. Mas creio que em reunioes como esta devemos conscientizar estas alternativas. E impossivel discutirmos seriamente a mediterraneidade, sem tomarmos os Estados Unidos em conta.

.....

O terreno para o qual lhes convido agora esta envolto, para os senhores, por mitos. Mitos contraditorios, ("Brasilia", "tropicos", "samba" de um lado, "favela", "divida", "extermínio de indios" do outro), mas todos eles encobridores da realidade. Os mitos permitem aos senhores formarem opinioes claras e distintas, e estas opinioes impedem dialogo autentico com os brasileiros. Creio, no entanto, que tal dialogo "Mediterraneo/Brasil" e indispensavel para ambos. Porque acredito que a sorte do Mediterraneo esta atualmente em jogo no Brasil, (e, em grau menor, em toda a America dita Latina). Para sustentar tal hipotese aparentemente fantasiosa, procurarei refletir sobre a sociedade brasileira do ponto de vista da mediterraneidade.

Nos seculos 15 e 16 Portugal, antes e depois marginal, explodiu rumo a Africa, a Asia, e sobretudo ao Brasil, esta parte decisiva da America Latina. Tal explosao e menos milagrosa se a ligarmos a inquisicao espanhola. Os judeus e maranos perseguidos passaram a formar parte apreciavel da populacao portuguesa, como da holandeza, a qual igualmente explodiu. Os aventureiros que foram largados nas costas brasileiras por seus descobridores podem ter sido, em grande parte, descendentes de judeus, (a documentacao e falha). Ora, nao devemos imaginar tal gente como conquistadores, mas como astronautas cuja volta para a Terra foi cortada. E tal clima do desterro, do abandono, caracteriza toda a sociedade brasileira emergente. Seria erro considerar o Brasil especie de Estados Unidos

5

fracassados. Os pioneiros americanos deixaram a Europa para construir nova, os bandeirantes brasileiros foram largados pela Europa para se virarem.

Os primeiros colonizadores do Brasil eram gotas do Mediterraneo, propelidas por tempestade rumo ao nada. Mas nem por isto secaram. Formaram, pelo contrario, nucleos de sociedade que em torno deles ia se cristalizando. O nucleo era mediterraneo, porque falava lingua latina, era cristao, e seus antepassados tinham lutado contra os mouros. As camadas que, durante quatrocentos anos, se aglutinavam em seu torno, (indigenas, africanos, europeus do sul e do leste, arabes, japonezes, chinezes), adoptaram o portugues, e com ele os culturemas da mediterraneidade. Mas tratava-se de mediterraneidade a um tempo arcaica e decadente. Arcaica, porque, dado o seu isolamento, elementos renascentistas se nela preservaram. E decadente, porque, sob o impacto de elementos estranhos, (sobretudo indigenas e africanos), ia perdendo a sua estrutura. Mas, nem por isto, (e talvez por causa disto), tratava-se de mediterraneidade produttiva.

No seculo 19 surgiu ideologia romantica que visualizava sintese futura das "tres racas tristes": portugues, indio, negro. Seria sintese de valores mediterraneos com outros. Ataulmente, tal ideologia se tornou inoperante. Na medida em que cultura brasileira ia-se efetivamente formando, ia-se tornando obvio que sao os elementos extremo-orientais que sao efetivamente inassimilaveis. Do ponto de vista do Japao e da China, terra enorme que nao consegue alimentar a sua populacao esparsa, o Brasil, representa obvio terreno para servir ao excesso da populacao do Oriente Extremo. Ora, a cultura do Extremo Oriente considera as demais culturas com o mesmo desprezo paternalista que caracterizava a cultura mediterranea nos seculos passados. Estamos presenciando, no Brasil, tomada de posse disciplinada e estrategicamente apoiada por parte do Extremo Oriente, posse na qual o Japao serve de ponta de lanca.

Dirão os senhores que podemos observar o mesmo fenomeno em toda parte. Mas na California, palco principal do confronto entre o Mediterraneo e o Oriente entre o cristianismo pragmatizado e technicalizado de um lado, e o confucianismo minaturizado e computarizado de outro, a coisa e plenamente conciente. E os culturemas cristaos podem fazer face aos confucianos em contenda aberta. Os canjis que marcam S. Paulo em toda parte, os estudantes japonezes que ocupam os primeiros lugares nas universidades, e o salto da industria para a informatica atraves pontes japonezas, sao fenomeno diferente. O destino do mediterraneo esta em jogo.

Verso romantico define a lingua portugueza como "ultima flor de Lacio, inculta e bela". Acentua "ultima", no sentido de mais nova, mas sobretudo no sentido de exposta no ramo mais extremo. A flor da mediterraneidade que se abriu no Brasil e a mais exposta e a mais fragil. Se os culturemas do Extremo Oriente a penetrarem, e se demonstrarem que sao eles os mais aptos para levar a sociedade do seu estagio industrial para o informatico, processo tera sido instaurado que avancara mediterraneidade a dentro, ate alcancar esta baia. O Brasil esta em posto avancado. Se for orientalizado, todos seguiremos.

A orientalizacão da cultura mediterrânea pode ser coisa desejável. A absorção dos valores judeus, gregos e latinos por cultuemas confucianos, budhistas e taoístas pode ser fato positivo. É chauvinismo falarmos em "perigo amarelo". Mas nos, aqui reunidos para refletirmos sobre a mediterraneidade, não podemos deixar de refletir também sobre isto. E, para podermos fazê-lo, devemos, necessariamente, estabelecer dialogo significativo com os brasileiros. Nisto são eles que podem servir-nos de mestres.

.....

Projetei diante dos senhores tres zonas cinzentas, limitrofes entre o mediterrâneo e outras terras. Ha outras zonas, e escolhi estas por fazerem parte da minha consciencia e do meu engajamento. Procurei pois mediar entre os senhores e tais terras. Posso ter falhado, e muito provavelmente o fiz, ja que não podia deixar de ser subjetivo, isto é: engajado. Mediar é sempre apresentar e encobrir o mediado. Mas isto não é grave. O nosso dever, enquanto intelectuais, (moscas), é habitar zonas cinzentas. Ora, a mediterraneidade é precisamente esforço para lancar luz sobre o cinzento. E, se por ventura deixar de fazê-lo, não mais valera a pena refletirmos sobre ela.